

# Tópica da clivagem, supereu e sexualidade

## *Topique du clivage, surmoi et sexualité*

Luiz Carlos Tarelho<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo faz uma discussão da tópica da clivagem proposta por Dejours e retomada por Laplanche em seu modelo teórico. Este artigo busca problematizar a forma como essa tópica foi concebida, principalmente por Dejours, que a vê como um acidente da sedução, entendendo com isso que a sexualidade fica proscrita desse espaço clivado. Apoiando-se em algumas hipóteses sustentadas por Laplanche, este trabalho propõe uma concepção diferente da formação dessa clivagem, como estando ligada ao processo de recalçamento e destacando aí tanto o lugar da sexualidade quanto a função do supereu.

**Palavras-chave:** Tópica da clivagem; supereu; sexualidade; autoerotismo; pulsão de morte

### Résumé

*Cet article mène une discussion de la topique du clivage proposée par Dejours et reprise ensuite par Laplanche dans son modèle théorique. Il cherche problématiser la façon dont cette topique a été conçue, surtout par Dejours, qui la voit comme un accident de séduction, qu'il comprend comme une proscription de la sexualité de cet espace clivé. En s'appuyant sur quelques hypothèses soutenues par Laplanche, cet article propose une conception différente sur la formation de ce clivage, comme étant lié au processus de refoulement tout en y soulignant le lieu central de la sexualité ainsi que la fonction du surmoi.*

**Mots-clé :** *topique du clivage; surmoi ; sexualité ; auto-érotisme ; pulsion de mort*

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Doutor em Psicanálise pela Universidade de Paris VII e pesquisador ligado à *Fondation Jean Laplanche do Institut de France*.

## Introdução

Este artigo reproduz, em linhas gerais, um trabalho apresentado nas *Journées internationales Jean Laplanche*, que ocorreu em Vannes, na França, entre os dias 25 e 28 de julho de 2022. O tema deste evento girou em torno da questão do intraduzível, fazendo referência, portanto, à tópica da clivagem, fato que me permitiu retomar algumas reflexões pessoais sobre este assunto, as quais foram publicadas em 2016. Essas reflexões me levaram, naquela ocasião, a concluir que a constituição da clivagem ligada a esta tópica tem relação direta com a constituição do Supereu (TARELHO, 2016). No presente artigo estou retomando esta hipótese e submetendo-a a nova discussão com o intuito de torná-la mais consistente e também de poder avançar em alguns pontos que necessitavam de aprofundamento, como é o caso do tipo de sexualidade que está presente no inconsciente encravado.

Como se sabe, devemos a Christophe Dejours (2001/2019) a construção de um novo modelo tópico que busca dar conta da ideia de uma clivagem vertical, a qual além de delimitar um espaço psíquico completamente separado tanto do inconsciente recalcado quanto do pré-consciente, também institui um modo de funcionamento diferente do resto do psiquismo, que é marcado, segundo o autor, por uma incapacidade de mentalização e pelo desligamento pulsional. Esse novo modelo, diretamente derivado da clínica tanto das somatizações quanto dos estados limítrofes e das psicoses, foi denominado *terceira tópica* em referência às duas tópicas freudianas. Segundo Dejours, essa clivagem tem origem na violência exercida pelo adulto, a qual pode ser tanto física quanto psíquica e comportar intensidades variáveis, mas está sempre presente na relação adulto-criança e tem como consequência inevitável uma prescrição da capacidade da criança de pensar sobre o fato. Essa violência é concebida como sendo o resultado de uma reação do adulto, que é desencadeada pela excitação e a consequente repulsão, que é provocada pelo comportamento libidinal autoerótico da criança, comportamento que se desenvolveu pela sexualização exercida pelo próprio adulto sobre a criança. Isso ocorre, portanto, dentro do processo de sedução, o qual tem, para Dejours, a função de colonizar o instinto de autoconservação, subvertendo seu alvo natural e tornando-o mais adequado ao processo de subjetivação. Nesse modelo, então, a clivagem aparece como um *acidente de sedução*, representando assim uma barreira para a libidinização do corpo e para sua consequente integração no plano psíquico. Assim, o que permanece clivado é um espaço psíquico que, normalmente, deveria englobar partes e funções do corpo que, justamente por falta de poderem ser representadas, acabam ficando excluídas do âmbito psíquico e da influência da sexualidade, razão pela qual esse espaço é chamado de *inconsciente amencial*. Para Dejours, esta clivagem implica uma separação categórica entre o plano do sexual e o da autoconservação, o qual deveria ser colonizado e dominado pelo sexual para poder sair do registro do instinto que, sem essa mediação, se torna a fonte da verdadeira pulsão de morte no sentido freudiano. Para fechar essa síntese, é preciso ainda acrescentar que, como a violência do adulto contra a criança é inevitável – ainda que em um grau mínimo – essa clivagem é universal, isto é, se encontra em

todas as organizações psíquicas, variando unicamente em tamanho e intensidade, os quais são mais acentuados nas psicoses.

De maneira diferente do inconsciente recalçado, esse inconsciente amencial não se encontra, portanto, protegido pelos contrainvestimentos do pré-consciente, com o qual a relação é de exclusão mútua. De modo que sua proteção fica dependente unicamente da consciência e do recalçamento secundário. Por esta razão, é suscetível de produzir efeitos de desligamento muito mais acentuados, como ocorre nas passagens ao ato, nas violências físicas, nas descompensações psicóticas, etc.. Isso vale também para o lado que concerne o corpo. Estando incrustado diretamente no corpo, ele pode utilizar essa via como uma espécie de caminho preferencial, fato que permite explicar melhor as somatizações, sobretudo nos casos mais graves.

Laplanche retomou esse modelo da terceira tópica proposta por Dejours, mas submeteu-o a alguns ajustes para adaptá-lo a seu próprio modelo teórico (LAPLANCHE, 2007/2015, p. 198 e seguintes). Pois, para ele, não faz sentido conceber um espaço psíquico que não esteja marcado por representações ou por significantes, ainda que estes sejam privados de significados, como ocorre, aliás, no caso do recalçamento primário. Por isso, ele não quis manter o nome de *inconsciente amencial* proposto por Dejours, tendo-o substituído por *inconsciente encravado*. Além disso, concebeu a clivagem aí presente de um outro modo, que não implica a ausência de representação. O diferencial entre o inconsciente encravado e o resto da tópica não é a falta de representação, mas sim de tradução, a qual é concebida como resultado de uma operação de simbolização realizada pela criança. Em seu modelo, portanto, o inconsciente encravado não é resultado, necessariamente, de uma violência que, segundo Dejours, vem produzir a exclusão desse espaço psíquico das representações ligadas a essa violência e à vivência subjacente.

Para Laplanche, esse espaço se constitui por meio das mensagens dos adultos, inscritas no eu-corpo da criança a partir do processo de sedução, o qual pode se dar tanto pelo caminho da implantação quanto pelo da intromissão, os quais se misturam e se confundem na maioria das vezes. E, embora a intromissão seja a grande responsável pelas falhas radicais de tradução, Laplanche não a considera como sendo a única causa dessa clivagem. Pois, segundo o modelo do *après-coup* proposto por ele, o que é inscrito pela via da implantação também permanece, pelo menos no início, por falta de código ou de capacidade de tradução, em estado de espera nesse espaço até ser reativado por novas experiências e novas mensagens que venham lhe conferir um sentido. Além disso, cada mensagem pode seguir um caminho diferente tanto no que diz respeito ao alcance dessa tradução quanto no que se refere ao tempo necessário para tal. De modo que, a retirada de uma mensagem desse estado de espera não implica diretamente o esvaziamento desse espaço.

Em resumo, o que caracteriza, portanto, essa clivagem vertical para Laplanche é a ausência de tradução e não a ausência de representação. Em outras palavras, o ponto central sobre o qual

se deve colocar aqui o peso é a alteridade que representam para o Eu as mensagens do outro. É preciso dizer que se trata de uma alteridade diferente da que caracteriza o recalçado, o qual está marcado por uma perda de significação, implicando também a perda da referência ao outro da mensagem, enquanto as mensagens em estado de espera preservam ainda em boa medida esta referência. A clivagem ocorre, assim, entre o que, proveniente das mensagens do outro, pode ser integrado pelo Eu, mesmo que de forma parcial, e aquilo que foi inscrito pelas mensagens, mas permanece sem nenhuma possibilidade de integração por parte do Eu. Acreditamos que essa é a compreensão que se deve dar ao que Laplanche nomeou de “inconsciente encravado”, situando a formação dessa clivagem vertical dentro do processo geral de tradução onde, *grosso modo*, o Eu representa o sucesso deste processo, enquanto o recalçado, sua falha parcial e o inconsciente encravado sua falha radical.

De fato, quando Laplanche foi questionado sobre essa gênese, sua resposta caminha nessa direção, pois supõe que a clivagem vertical se forma através do mesmo movimento que é responsável pela produção da clivagem horizontal, entre o Eu e o inconsciente recalçado, implicando, portanto, o processo de tradução e o recalçamento originário (LAPLANCHE, 2006, p. 35). Isso quer dizer que esse espaço se torna um espaço clivado quando se forma no psiquismo uma primeira diferenciação com o aparecimento do Eu-instância e do inconsciente recalçado. E, como esse espaço clivado é formado por mensagens que não receberam ainda um tratamento de tradução-simbolização, seja pela falta de código ou mesmo em função das características inerentes às próprias mensagens, esse material clivado acaba ficando excluído do conflito psíquico. Nesse ponto, Laplanche é fiel ao modelo proposto por Dejours, pois sustenta que essa clivagem não é mantida por contrainvestimentos do pré-consciente, mas sim pela força da recusa e das denegações. Mas, nesse caso, é paradoxal o fato de que Laplanche, em sintonia com sua hipótese sobre o supereu como enclave, situe este último como fazendo parte do encravado. Em nosso entendimento, parece difícil sustentar que esse espaço clivado permaneça excluído do conflito psíquico na medida em que se admite que o supereu faz parte dele.

Essa dificuldade pode servir de ponto de partida para nossa reflexão. Acreditamos que a solução desse impasse pode ser a chave para discutir outras questões associadas, que também precisam ser retomadas. Antes de prosseguir nessa direção, vale a pena esclarecer que, em nosso entendimento, Laplanche parece ter razão, apesar da contradição, em sustentar essas duas hipóteses, isto é, tanto a de que essa clivagem não se encontra marcada pelo conflito, quanto a de que o supereu pertence a esse lado da tópica.

No que diz respeito ao conflito, no modelo de Dejours sua exclusão parece se explicar pela falta de representação dentro desse espaço. No modelo laplancheano, no qual esse espaço é habitado por mensagens inscritas pelo outro, logo, por representações, essa exclusão em relação ao conflito pode ser explicada, pelo menos parcialmente, pelo fato de que essas mensagens ficam em estado de espera durante um tempo até poderem fazer parte de um processo de simbolização.

Trata-se da ideia já mencionada do *après-coup*. Além disso, existem também as mensagens que, por sua própria natureza ou por outras razões, são totalmente rebeldes ao processo de tradução. Isso ajudaria a explicar a exclusão em relação ao conflito. Mas essa condição de espera não significa, necessariamente, impossibilidade de representação. Além disso, o fato é que, mesmo que nesse estado de espera a questão do conflito não se coloque, quando chegar o momento, no *après-coup*, no qual novas mensagens e novas experiências trazem um sentido para o que está inscrito, a questão da significação e, portanto do conflito, parece incontornável.

Este problema não se coloca no modelo de Dejours tendo em vista a suposição de que não há representação nesse espaço e também de que a barreira da clivagem não é permeável. Entretanto, no modelo de Laplanche, no qual as mensagens precisam atravessar esta barreira por meio da tradução, parece difícil sustentar que esse espaço encravado possa ficar totalmente ao abrigo do conflito. Além disso, toda essa discussão se situa no nível eminentemente semiótico, isto é, do sentido. Caberia se perguntar também sobre o nível energético que, sem dúvida, se encontra já em curso nesse primeiro tempo do *après-coup*, nível que tem papel central no processo que impulsiona o trabalho de tradução. Diante dessas questões, por que manter, então, a hipótese de Dejours, que é reafirmada por Laplanche, de que essa clivagem não se encontra marcada pelo conflito? Em nosso entendimento, a resposta se encontra, pelo menos em parte, do lado da clínica que, como vem mostrando Dejours, aponta nesta direção. Mas isso não resolve o problema. Ao contrário, isso se complica ainda mais quando se introduz nessa equação o supereu. Ainda que o concebamos como um enclave – como o faz Laplanche – não podemos deixar de levar em conta que ele representa uma organização, composta por preceitos mais ou menos interligados e, mais importante, que possui papel central nos conflitos psíquicos, sobretudo como fonte da censura. Aqui nos encontramos mergulhados em sua essência contraditória, para não dizer paradoxal, destacada desde Freud. Ora, essa essência do supereu talvez indique a pista para a solução que estamos buscando. Se, de um lado, a clínica da somatização, dos casos difíceis e das psicoses, acena na direção da existência de um espaço clivado e sem relação com aquilo que passou pelo trabalho de tradução, de um outro lado, a essência contraditória do supereu conta em favor de seu posicionamento como instância de fronteira.

Seria cômodo aqui recorrer a Freud para encontrar apoio a esta hipótese. Na *Carta 52* (1896/1988), por exemplo, ele situa a censura justamente entre dois sistemas, de forma a impedir que a transcrição das inscrições entre um e outro sistema seja completa. Também é possível recorrer às *Novas lições de psicanálise* de 1932, onde ele apresenta uma figura para representar a tópica e coloca o supereu estabelecendo uma ponte entre o Eu e o Isso, justamente para especificar sua duplicidade. Além disso, ele coloca o supereu ao lado do Eu, separado por uma barreira vertical, sobre a qual nada é dito (FREUD, 1932/1989, p. 73). Muito mais do que como apoio, é como pistas que essas ideias podem ser tomadas.

De nossa parte, a pista que seguimos mais de perto é a da existência de uma barreira entre o

Eu e o inconsciente encravado, uma barreira complexa, que parece permitir uma comunicação entre esses dois espaços sem que isso envolva diretamente conflito. Com a noção do mecanismo da recusa, Laplanche acredita ter encontrado a solução. Como ele diz, referindo-se a esse mecanismo: “O que Freud descreve como estando presente somente em certos indivíduos, nós nos propomos, após Christophe Dejours, a generalizar a todos os seres humanos” (LAPLANCHE, 2007/2015, p. 199). Isso implica dizer que, da mesma forma que o recalçamento representa uma clivagem entre o Eu e o inconsciente recalçado, a recusa representa uma clivagem entre o Eu e o inconsciente encravado. Mas existe aí um problema, que aparentemente não foi pensado, pois a recusa, tal como concebida por Freud, incide sobre uma percepção de um objeto externo (é a recusa de reconhecer a realidade de uma percepção, normalmente a ausência de pênis na mulher) e não sobre um conjunto de conteúdos psíquicos, para os quais ela representa então uma barreira. Seria talvez o caso de se perguntar se não se trataria aí de um passo grande demais? Seja como for, se acreditamos que esse passo é indispensável, então, é necessário também se perguntar como tal barreira se constitui. A questão central seria saber por qual via e de que modo a recusa pode produzir uma clivagem estrutural, mantendo uma parte inteira do psiquismo cindida do resto, por intermédio de uma espécie de negação.

## **A clivagem do supereu como recusa estrutural**

Nossa reflexão sobre esse ponto nos levou a considerar a hipótese segundo a qual talvez o mecanismo da recusa não dê conta de explicar essa clivagem estrutural. E isso, sobretudo no modelo proposto por Laplanche, no qual essa barreira é permeável, isto é, pode ser transposta tanto pelo processo de tradução quanto pelo processo de análise. Na verdade, acreditamos que, neste caso, seria preciso conceber uma espécie de recusa estrutural, que se forma por intermédio de uma verdadeira estrutura, a qual também comporta uma certa clivagem. Ora, este é exatamente o caso do supereu, que é uma estrutura composta, formada de duas partes, razão pela qual Freud, como mencionamos a respeito da figura apresentada na “31ª Conferência”, o situa de modo vertical dentro do aparelho psíquico, se estendendo do Isso até o Eu e, ao mesmo tempo, separando este último em dois.

Podemos, assim, dizer que se é verdade, de um lado, que o supereu comporta duas partes, uma delas mais pulsional, mergulhada dentro do inconsciente, e outra, mais ideal, inserida no Eu, e, de outro lado, se é também verdade que estas duas partes parecem se desconhecer mutuamente, então, nada impede de supor que esta clivagem do supereu tem relação direta com a clivagem vertical que separa o Eu e o inconsciente recalçado do inconsciente encravado. Mais que isso, talvez possamos inclusive supor que esta clivagem do supereu funciona como uma espécie de recusa, essa recusa estrutural que estamos tentando encontrar. Enfim, esta é a hipótese que estamos dispostos a sustentar pois, além do mais, parece solucionar uma série de questões deixadas abertas no modelo laplancheano da tópica da clivagem, ao mesmo tempo em que

permite também encontrar um lugar mais sólido para o supereu dentro desta tópica, assim como melhor explicar a própria gênese da mesma.

Começamos pela questão da gênese dessa clivagem tópica. No modelo de Dejours, essa questão tem uma resposta muito clara: esse inconsciente se forma pela proscrição da capacidade de pensar da criança no que diz respeito a certas experiências, uma proscrição que se produz em função do caráter de violência que assume a reação do adulto em relação à sexualidade autoerótica da criança, violência que paralisa o processo de simbolização de modo radical. Essa proscrição, que exclui deste espaço as representações, parece explicar nesse modelo a ausência de trocas entre as duas partes clivadas. A recusa, concebida de acordo com o modelo proposto por Freud, isto é, voltada para uma percepção vinda do exterior, é vista como uma proteção sobretudo para o lado desse inconsciente voltado para a realidade externa, o qual conta como escudo apenas com a consciência e os pensamentos que lhe são agregados, de natureza abertamente lógica e operatória (DEJOURS, 2001/2019, p. 87).

No modelo de Laplanche, essa gênese possui outra explicação. Para ele, como já dissemos, não é a ausência de representação que caracteriza esse inconsciente, mas sim a ausência de tradução. Ele é constituído pelas mensagens que se encontram tanto em estado de espera temporária por uma possível tradução – como é o caso das mensagens enigmáticas – quanto em estado de total impossibilidade de tradução – como é o caso seja das mensagens superegoicas seja das potencialmente psicotizantes. De modo que a gênese desse inconsciente foi pensada pelo autor como sendo correlativa da gênese do inconsciente recalcado e do Eu e, portanto, dependente do mesmo mecanismo, que é o recalco. Segundo ele, na medida em que o processo de tradução/recalco cria o Eu e o recalcado, diferenciando-os daquilo que não passou ainda por esse trabalho de metabolização, esse processo cria ao mesmo tempo a clivagem vertical (LAPLANCHE, 2006, p. 43). Portanto, nesse modelo, não se trata de uma proscrição, como no modelo de Dejours, mas sim de uma diferenciação criada pelo próprio processo de tradução/recalco, que promove assim duas clivagens ao mesmo tempo. E com um detalhe importante: esse processo não para com o recalco originário, pois novas traduções virão retirar mais mensagens desse domínio clivado pelo recalco originário. O que significa dizer, portanto, que essa barreira não é impermeável. Daí a necessidade, nesse modelo, de conceber um mecanismo capaz de sustentar essa barreira. Justamente por conta disso, Laplanche é levado a supor que o mecanismo da recusa possui uma função estrutural (LAPLANCHE, 2007, p. 204). Mas ele não explica como a recusa assume essa função. Fica também sem explicação como é que essa barreira, que é sustentada pela recusa, pode ainda funcionar como uma espécie de duana, pois certos conteúdos poderão transpô-la, notadamente por intermédio do processo tradutivo, enquanto outros conteúdos não terão essa possibilidade. A questão que fica aberta é se a recusa, por si só, poderia exercer essa função seletiva e controladora.

Buscando responder a essas questões, chegamos a uma hipótese segundo a qual essa barreira

precisa ser pensada não como mecanismo de defesa, mas por uma verdadeira estrutura, na qual o supereu ocupa lugar central. O desafio que se coloca, então, é o de mostrar como o supereu chega a ocupar esse lugar e a ter essa função. Para dar conta desse desafio, faz-se necessário reagrupar alguns fios que ficaram esparsos e avaliar se, juntos, eles podem formar uma trama significativa nesse sentido. Um destes fios é justamente a ancoragem encravada do supereu. Depois da tese de Marta Rezende Cardoso (2002), esta hipótese ganhou cada vez mais consistência, inclusive na obra de Laplanche, que acabou por situar esse lado pulsional do supereu dentro do inconsciente encravado (LAPLANCHE, 2007/2015, p. 197). Partimos aqui desta hipótese ao mesmo tempo em que nos interrogamos a respeito de suas implicações para a constituição dessa clivagem.

## **Supereu, autoerotismo e recalçamento originário**

Outro fio importante e associado ao anterior diz respeito ao papel deste supereu no processo de diferenciação das instâncias, que é inaugurado pelo recalçamento originário. Na reflexão de Laplanche, baseada no modelo tradutivo do recalçamento, a tendência é a de se pensar que as interdições dos adultos possuem papel central no recalçamento secundário, ou seja, quando as instâncias já se encontram em vias de formação e o conflito assume um papel nesse processo; ao passo que, no recalçamento originário, seria fundamentalmente a ausência de código para traduzir as mensagens enigmáticas o fator decisivo para a falha de tradução. Em sintonia com outros autores, acreditamos que o modelo tradutivo do recalçamento não pode prescindir do papel desempenhado pela interdição também no caso do recalçamento originário. Estamos convencidos de que se trata de um equívoco imaginar que a interdição está presente apenas no recalçamento secundário, pois a sexualidade pré-edípica da criança a coloca em movimento muito cedo. E, como nos ensinou o próprio Laplanche, esta sexualidade perverso-polimorfa se encontra no centro do recalçamento originário. Isso nos permite trazer outro fio desta trama, que é o do autoerotismo e seu lugar dentro do domínio do encravado.

Na tradição psicanalítica, estamos habituados a pensar o autoerotismo como sendo normalmente o que deveria ceder ao trabalho do recalçamento. Portanto, como sendo aquilo que deve, por conta desse trabalho, ir parar do lado do inconsciente sexual recalçado, fato que é, evidentemente, verdadeiro. Mas raramente nos perguntamos sobre o que acontece com o que sobra do autoerotismo fora desse inconsciente. A menos, é claro, que se acredite que o recalçamento faça desaparecer por completo o autoerotismo, o que parece bastante inverossímil. Dois pontos são, portanto, importantes aqui. Primeiro, se perguntar sobre onde, isto é, qual o cenário no qual se desenvolve originariamente o autoerotismo. E, segundo, o que ocorre com este cenário após o recalçamento originário.

O cenário do autoerotismo antes do recalçamento só pode ser o do eu-corpo originário, isto é,

de uma experiência que ocorre num corpo habitado por um psiquismo que ainda não sofreu uma diferenciação no sentido das instâncias. Portanto, um eu-corpo no qual foram inscritas mensagens, cuja excitação precisa ser contida de alguma forma. O autoerotismo representa a primeira tentativa da criança no sentido de lidar com essa excitação. Nesse sentido, ele precisa ser visto também como uma primeira tradução. Esta é também a compreensão de Laplanche. Escrevendo sobre o apoio, entendido como uma emergência, ele situa o autoerotismo como representando o primeiro movimento de recuo, que é um movimento de tradução. Em suas palavras:

O auto-erotismo seria, pois, recuo, tempo de um devir e não tempo originário. (...) Conjunção e depois emergência que é uma defasagem, uma espécie de metabolização ou de simbolização, segundo os caminhos de toda associação, que repito serem inevitáveis no pensamento, e também no ser vivo: os caminhos da contiguidade e da semelhança (LAPLANCHE, 1993/1997, p. 45).

Esta passagem é muito importante porque ajuda, como veremos abaixo, a dar um passo que Laplanche teve dificuldade em conceber, que é a articulação da questão da formação do objeto-fonte da pulsão com o autoerotismo, que constitui a primeira forma da sexualidade na criança, como é sustentado também em outros lugares (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 75).

Resumindo: conceber o autoerotismo como primeiro estágio *independente* da sexualidade implica admitir duas coisas: primeiro, que já se trata de um trabalho de simbolização, ainda que precário; segundo, que essa simbolização-tradução não é operada pelo eu-instância, que ainda não se formou nesse momento. Logo, é preciso concluir que se trata aí de uma tradução eminentemente corporal, associada a uma fantasia, ainda bem rudimentar e operada pelo eu-corpo originário. Uma tradução que acontece, assim, no próprio lugar da excitação, isto é, exatamente onde as mensagens foram implantadas e produziram um desequilíbrio na frágil homeostase vital. Ora, isso permite concluir que, no modelo laplancheano da tópica da clivagem, esse lugar onde as mensagens são inscritas – que é o eu-corpo originário – é exatamente o que se tornará o inconsciente encravado. Em outras palavras, a cena onde se desenrola o autoerotismo é, no início, a mesma do inconsciente encravado na sua origem, isto é, antes da clivagem.

Agora podemos puxar outro fio dessa trama. Laplanche sempre insistiu no fato de que, na relação corpo a corpo com a criança para lhe prover cuidados higiênicos e amor, o adulto não tem como evitar que seu recalcado apareça com toda sua dimensão sexual inconsciente. Essa inevitabilidade está na base do fato sedutivo, pois esse inconsciente vem, assim, se infiltrar nas suas mensagens transmitidas no plano do apego. Em contrapartida, Laplanche praticamente não fala a respeito do efeito que o corpo da criança, após ser marcado pela sexualidade, produz sobre o adulto. Quem tem explorado esse efeito é Dejours e com o objetivo de destacar a reação de violência que o corpo erogeneizado da criança produz sobre o adulto (DEJOURS, 2001/2019, p. 84). Em nosso entendimento, é preciso antes de mais nada situar aí a questão da censura, que é normalmente mobilizada por essa experiência. Afinal, essa cena envolve uma espécie de inversão do fato

sedutivo na medida em que o adulto se sente seduzido pelo corpo erogeneizado da criança e se vê obrigado a reagir contra esse perigo com todo seu arsenal defensivo e superegoico. Diante do escândalo do autoerotismo, e para não ter de se haver com esse mal dentro de si mesmo, o adulto reage, normalmente, impondo uma censura ou uma interdição contra a manifestação dessa sexualidade na criança. A não ser, é claro, que ele se deixe levar por esta sedução e se permita uma passagem ao ato, seja pela via da violência ou da do abuso sexual.

Portanto, podemos dizer que a relação entre o autoerotismo e a censura é uma questão central, embora não tenha sido tematizada por Laplanche nem por Dejours que, apesar de considerar a reação do adulto, coloca tudo na esfera da violência paralisante. Trata-se de uma questão central, pois tem uma relação direta com a formação da base do supereu, uma vez que, nesse momento da vida, nada é mais apropriado ao aparecimento das interdições do que a sexualidade autoerótica. Além disso, e esse é um dos elementos-chave de nossa hipótese, a formação dessa base desempenha papel central tanto no recalçamento originário, quanto na constituição da clivagem. Como já dissemos, o próprio Laplanche sustenta que a clivagem está ligada ao recalçamento, mas ele nunca tematizou a relação entre o recalçamento originário e as interdições. Ora, essa relação é justamente o que permite superar alguns impasses da sua teoria.

Em primeiro lugar, essa relação entre as interdições ligadas ao autoerotismo e o recalçamento originário permite conceber uma força operando nesse processo, que Laplanche nunca se preocupou em discutir. Ao que tudo indica, para ele, a ausência de código para se traduzir completamente as mensagens é suficiente para se explicar a falha parcial de tradução que caracteriza, em sua teoria, o recalçamento originário. Além disso, em sua concepção tradutiva do recalçamento, o verdadeiro motor, que é o desequilíbrio instaurado pelo enigma, está na origem da tradução e não de sua falha. Mas essa concepção se abstém de problematizar a existência de alguma força específica que incida sobre essa falha. Podemos dizer que existe aí uma obscuridade em seu pensamento, a qual talvez se situe na esteira da obscuridade que o próprio Laplanche identifica na concepção freudiana do contrainvestimento que opera no recalçamento originário. Nesse verbete do *Vocabulário*, escrito junto com Pontalis, ele continua esse apontamento dizendo que, para Freud, é pouco provável que esse contrainvestimento provenha do supereu, uma vez que este último aparece somente depois do recalçamento originário (LAPLANCHE & PONTALIS, 1967/1988, p. 559). Ora, esse impasse se desfaz quando se admite que a base do supereu se instaura bem antes, se é verdade, como defendemos, que ela está ligada à interdição do autoerotismo operada pelo adulto.

Temos aqui, portanto, fortes razões para supor que o recalçamento originário envolva algo mais do que apenas a falha de tradução, ainda mais se levarmos em conta, como supõe Laplanche, que ele é responsável não apenas pela clivagem horizontal, mas também pela clivagem vertical. Esse “algo mais”, em nosso entendimento, diz respeito a essa base do supereu ligada às interdições do autoerotismo, que funciona como um motor para o recalçamento originário. Um motor

que está também ligado diretamente à força que impele à tradução. Para Laplanche, como dissemos, essa força deriva do desequilíbrio produzido pelo enigma. E ele não deixa de ter razão. Mas a inclusão do autoerotismo nessa reflexão, que é algo que escapou a Laplanche, torna necessária a ampliação desse entendimento. Se aceitamos a ideia segundo a qual o autoerotismo constitui já uma primeira tradução, isso significa dizer que o recalçamento originário tem que ser visto, então, como uma segunda tradução, isto é, não apenas a tradução de mensagens, mas a tradução de uma tradução já existente. E isso muda bastante as coisas.

## Os tempos do recalçamento originário

Um primeiro ponto a ser revisto diz respeito à temporalidade do recalçamento originário. Estamos bastante familiarizados aqui com a ideia do *après-coup*. Mas essa temporalidade foi simplificada ao se descrever apenas dois tempos, o da inscrição das mensagens e, depois, o da tradução, que implica o recalçamento e a diferenciação das instâncias. Como situar o autoerotismo nessa temporalidade? Essa talvez tenha sido uma das razões que levaram nosso autor a se furtar dessa discussão. Mas a solução não nos parece distante, pois Laplanche sempre enfatizou a necessidade de se pensar esses processos como sendo múltiplos (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 134). E esse é justamente o caso aqui. Basta pensar a falha do recalçamento se dividindo também em dois tempos, assim como a tradução que dá suporte a essa falha. Em outras palavras, se o autoerotismo representa uma primeira tradução, seguindo a lógica do modelo, temos que concluir que essa tradução comporta também uma falha e essa falha precisa, então, ser entendida como já fazendo parte do recalçamento. Trata-se, evidentemente, de uma tradução eminentemente corporal, sem muita mediação simbólica, reduzida à presença de uma fantasia, ou de um objeto fantasístico, como diz Laplanche. Uma tradução que utiliza uma linguagem corporal bastante rudimentar, pois esse corpo ainda se encontra num estado de fragmentação e de desorganização e, por isso, a própria excitação local tem que funcionar como código. E a adjunção de uma fantasia a essa tradução corporal, tornando-a “auto”, revela que algo se perdeu no caminho, algo ligado ao objeto externo, de onde se originou a excitação. Esta perda constitui uma primeira etapa do recalçamento, que ainda não tem como resultado a produção de uma diferenciação tópica, mas já envolve um corte em relação ao objeto. Como veremos mais abaixo, há uma passagem em Laplanche apontando também nessa mesma direção.

Ao lado deste ponto temporal, existe também o semiótico. A noção de *après-coup* implica que o traumatismo se completa no segundo tempo em função do aparecimento de novas experiências e novas mensagens que vêm aportar um sentido sexual para as primeiras experiências e mensagens. Entre essas novas experiências e mensagens, as interdições ocupam, em nosso entendimento, lugar central em termos de revelação nesse sentido. Afinal, a interdição se dá justamente porque se trata da sexualidade, no caso perverso-polimorfa. Assim, a interdição exerce dupla função: de um lado, ajuda a revelar algo do sexual proibido e, com isso, a completar

a temporalidade do traumático, impulsionando na direção de uma nova tradução, que tem como objetivo ligar e conter o desligamento produzido pelo trauma; de outro, cria as condições para se completar o trabalho do recalçamento na medida em que barra a tradução autoerótica e, com isso, fornece a força para a segunda etapa desse processo, determinando que a sexualidade autoerótica precise ser abandonada. Desse modo, pode-se dizer que, se a primeira tradução, que é o autoerotismo, se produz de forma mais espontânea, por iniciativa da própria criança; essa segunda tradução, que deve desembocar no narcisismo, depende da intervenção do adulto que age combatendo a primeira e exigindo uma nova tradução e, com isso, fornecendo também parte da energia para esse trabalho.

Tudo isso tem implicações sobre o terceiro ponto, que é o energético ou pulsional e que possui aqui dois eixos: um deles relacionado com a hipótese, já apresentada, segundo a qual a compreensão do recalçamento originário sai fortalecida ao se levar em conta essa força extrínseca, que é a interdição do adulto em relação ao autoerotismo. Nessa perspectiva, a falha parcial da tradução não se limita à falta de códigos para o trabalho de substituição simbólica, como supõe Laplanche. A esta falta de códigos vem se juntar uma censura por parte do adulto no tocante à primeira tradução realizada pela criança que, justamente por não dispor de códigos simbólicos, apela para a linguagem corporal com a tradução autoerótica. Na nova tradução, de cunho narcisista, à qual a criança vai se lançar, essa linguagem corporal, erótica e fragmentada, tem que ficar pelo caminho.

O outro eixo é ainda mais impactante, pois envolve a própria origem da pulsão. Se o autoerotismo representa, de fato, uma primeira tradução, que já envolve também uma primeira perda, somos então obrigados, segundo o modelo tradutivo do recalçamento, a supor que o processo de constituição da pulsão sexual teve aí seu primeiro movimento. E essa compreensão vem, a nosso ver, preencher uma lacuna deixada pela teorização laplancheana a esse respeito. Uma lacuna que se deve ao fato de Laplanche não ter deixado bem estabelecida a relação entre o recalçamento e o autoerotismo. Ao insistir no fato de que o objeto-fonte se constitui dentro do inconsciente, a partir da falha de tradução das mensagens (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 138-141), ele acabou dificultando a compreensão a respeito do lugar do autoerotismo nesse processo. Felizmente, existem passagens em sua obra que permitem estabelecer essa conexão.

A primeira, e a mais clara se encontra nas *Problemáticas III*, no contexto de uma discussão sobre o apoio e a simbolização, que vai desembocar justamente na teorização do objeto-fonte da pulsão. Ora, a simbolização em questão é a que envolve o autoerotismo e ela depende de dois tempos: primeiro, o tempo do apoio, no qual a sexualidade ainda está colada na autoconservação e, segundo, o tempo que ele chama de “desligamento” e de “recuo” em autoerotismo. É nesse segundo tempo que vem se inserir a fantasia, ocupando o lugar do objeto perdido, portanto, uma simbolização, mas também, como assinala Laplanche, uma perda no sentido do recalçamento, pois, em suas palavras, “na passagem para o auto-erotismo, não há somente passagem do leite para o seio, mas também interiorização do objeto sob a forma de fantasia e, eu acrescentaria,

recalque originário do objeto” (LAPLANCHE, 1980/1989, p. 46). Nessa afirmação, fica claro que o recalque implica uma perda envolvendo o objeto. Por outro lado, essa passagem do objeto para o “auto” requer ainda uma espécie de duplicação do objeto, pois o corpo próprio passa a funcionar também como objeto. E, como indica Laplanche, essa duplicação, unindo o objeto fantasiado e parte do próprio corpo, é o que funciona como “objeto-fonte” da pulsão. Em outro texto, também central sobre o objeto-fonte, essa relação entre o recalçamento originário e o autoerotismo é reafirmada nos seguintes termos:

É porque os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e indomináveis para a criança que eles produzem, sobre os locais ditos erógenos, o movimento de clivagem e de deriva que conduz eventualmente à atividade autoerótica. Mas o veículo obrigatório do autoerotismo, que o estimula e o faz existir, é a intrusão e, depois, o recalçamento dos significantes enigmáticos trazidos pelo adulto. (LAPLANCHE, 1992, p. 239, a tradução é nossa).

No parágrafo seguinte, Laplanche se debruça sobre a questão do recalçamento originário e diz que, baseado na noção freudiana do *après-coup*, o recalçamento deve ser concebido como se desenvolvendo em, ao menos, dois tempos. Na sequência, Laplanche apresenta essa formulação clássica, já conhecida, dos dois tempos, que são a implantação e a retomada tradutiva-recalçadora. Mas, o que passa despercebido é justamente esse “ao menos”, que ele nunca desenvolveu, diga-se de passagem. Ora, podemos tomar essa passagem como uma espécie de intuição de Laplanche a respeito do que estamos desenvolvendo sobre o autoerotismo como constituindo um primeiro tempo do recalçamento originário, anterior à clivagem tópica.

Seja como for, a reflexão desenvolvida até aqui sobre o autoerotismo como representando uma primeira tradução por parte da criança e implicando também uma primeira falha, permite dar um passo importante a respeito dessa concepção tradutiva do recalçamento. Como já indicado em outro trabalho (TARELHO, 2021), essa primeira tradução e essa primeira falha precisam ser situadas dentro do processo de recalçamento, representando sua primeira etapa. Afinal, a excitação, ao se tornar “auto”, perdeu algo no caminho, que é justamente a ligação com o autor da mensagem e provocador da excitação. Mas não menos importante é o fato de que, se o recalçamento já começou com essa tradução autoerótica, o processo de constituição da pulsão sexual também conheceu aí seus primeiros passos. E talvez até o passo mais importante, se é verdade que o autoerotismo deve ser considerado como o nascimento da pulsão sexual.

## Os tempos de constituição do objeto-fonte da pulsão

A grande questão que precisa, então, ser considerada é qual a relação desse passo com a constituição do objeto-fonte da pulsão. Em nosso entendimento, a única forma de resolver essa

questão é através da hipótese de que o objeto-fonte da pulsão, que vai se instalar e se fixar dentro do inconsciente recalçado, começa a se formar antes da constituição desse inconsciente. Segundo Laplanche, o que constitui o objeto-fonte é o significante-dessignificado. Ora, nada impede supor que essa dessignificação se dá em duas etapas e que a primeira envolve justamente essa perda que ocorre com a tradução autoerótica. Esta perda diz respeito à fonte originária da excitação, que é a mensagem do outro, sem envolver ainda a significação em si, mesmo porque esta última ainda está ausente e vai começar a aparecer, segundo nossa hipótese, com a interdição do autoerotismo. É nesse segundo momento, quando se atribui um sentido sexual ao autoerotismo e se exige sua substituição, que o processo de dessignificação se completa, agora com a perda do significado que veio se ligar a essa excitação.

Outra questão importante nesse contexto é a de saber qual o estatuto da sexualidade nesse momento inicial, correspondente ao autoerotismo, anterior à constituição do inconsciente recalçado. Laplanche, às vezes, como na passagem citada acima, recorre à ideia freudiana de um sexual-pré-sexual para se referir a esses primórdios da constituição da pulsão. Mas, ao fazer alusão a essa ideia, ele também se furta de pensar a questão. Em nosso entendimento, é preciso aqui ser mais objetivo, como o fez Silvia Bleichmar (1993, p. 40) de outra forma, e admitir que a pulsão já está em marcha nesse momento, pois duas condições essenciais para o aparecimento do pulsional já estão presentes: a excitação e a tradução-recalcamento. E isso obriga a supor que o objeto-fonte da pulsão não aparece, como supõe Laplanche, apenas com o surgimento do inconsciente recalçado. Se o autoerotismo aparece antes da formação das instâncias e se ele já representa uma primeira tradução, que já é também recalcante com a perda da referência ao outro, então, é preciso admitir que o objeto-fonte já inaugura seu périplo a partir desse momento, isto é, dessa primeira fase do recalcamento originário.

Mas qual a situação tópica desse objeto-fonte? Em nosso entendimento, aqui se encontra a verdadeira questão envolvendo a tópica da clivagem, pois esse objeto-fonte ainda não possui uma tópica. Ele se instala primeiro no corpo, ou, para ser mais exato, no eu-corpo originário, isto é, ali onde as mensagens foram implantadas pelo adulto e que se tornará, após a clivagem, o espaço do inconsciente encravado. Dizer que ele se instala onde as mensagens foram implantadas significa dizer que esse objeto-fonte precisa, então, ser concebido como múltiplo e fragmentado, assim como são, aliás, as pulsões autoeróticas. Como diz Laplanche a respeito do autoerotismo, “é a imagem de um polipeiro de prazeres” (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 74). A tópica, envolvendo a clivagem tanto horizontal quanto vertical, vem para organizar esse funcionamento desregulado e perigoso. Ela é fruto da exigência do adulto, que se sente mobilizado e incomodado pelo autoerotismo, mas também da necessidade da criança, que precisa ligar e conter esse funcionamento anárquico e perigoso. A segunda etapa do recalcamento originário, com a nova dessignificação promovida, permite transferir para o inconsciente recalçado esses objetos-fonte, fixando-os, assim, num espaço protegido, ao mesmo tempo em que drena boa parte dessa energia para investir um objeto unificado, através do narcisismo, que é o Eu.

Em outras palavras, segundo nossa hipótese, o objeto-fonte da pulsão começa a se constituir, como não unificado, nesse espaço do eu-corpo originário, que funciona como base para o autoerotismo, e se situa aí numa posição ainda *a-tópica*, dependente quase exclusivamente das vicissitudes de um corpo fragmentado e exposto a um funcionamento em boa medida ainda desregulado e desorganizado. Por isso mesmo, é de se imaginar que o pulsional que emana desses objetos-fonte do autoerotismo caracteriza o que existe de mais desligado da sexualidade. E o que existe de mais desligado da sexualidade é o que Laplanche considera como sendo a essência da pulsão de morte. Aliás, vale a pena aqui retomar uma de suas passagens, pois ela coloca a origem da pulsão como indissociável da origem da pulsão de morte, a qual se assenta sobre três pilares: o desligamento, o tempo “auto” e o ataque interno. Nessa passagem, Laplanche retoma esses três pontos discutidos em *Vida e morte em psicanálise* e se refere ao tempo “auto” nos seguintes termos: “a pulsão de morte *reafirma a prioridade* do tempo refletido, *do tempo “auto”*, na gênese da pulsão, tempo refletido que deve ser relacionado diretamente (esse é o ponto que acrescento hoje) com o processo de metabolização e de recalçamento” (LAPLANCHE, 1993/1997, p. 90, grifos do autor).

Juntamente com Laplanche, gostaríamos de destacar aqui também dois pontos. Primeiro, essa prioridade do tempo refletido na origem da pulsão. Esse tempo refletido, como ele mesmo sublinha, é o tempo “auto”, que só pode ser o do autoerotismo e que caracteriza a pulsão de morte. Portanto, o que está aí sublinhado é a relação íntima entre o autoerotismo e a pulsão de morte em sua origem. Segundo, o comentário que ele coloca entre parênteses, ou seja, o que ele acrescenta nesse momento em relação ao texto *Vida e morte*, que é o fato de que esse tempo “auto” precisa ser relacionado ao processo de tradução-recalçamento. Isso é exatamente o que estamos desenvolvendo com esta reflexão, buscando preencher a lacuna que ele deixou na medida em que não desenvolveu essa questão do autoerotismo como parte desse processo de tradução-recalçamento, que inaugura a constituição do objeto-fonte da pulsão. Uma lacuna cujo preenchimento parece passar, como estamos propondo, pela hipótese da tópica da clivagem.

Por falar em tópica da clivagem, não podemos deixar de lembrar que Dejours também teorizou a relação entre essa tópica e a pulsão de morte. Mas fez isso de um modo bem particular, pois sua hipótese é a de que a pulsão de morte que domina esse espaço não tem relação com a pulsão sexual. Mesmo admitindo a hipótese laplancheana da pulsão sexual de morte, Dejours acredita ser necessário levar em conta a existência de outro tipo de pulsão de morte, que é ligada ao instinto e que constitui a verdadeira força disruptiva que caracteriza a tópica da clivagem. Com isso, ele faz um retorno a Freud, supondo que o sexual se situa inteiro do lado da Pulsão de Vida (*Eros*), portanto, do lado da ligação (incluindo aí a pulsão sexual de morte), ao mesmo tempo em que é obrigado a pressupor que o verdadeiro desligamento se encontra do lado do instinto. Mas, de modo diferente de Freud, é a própria pulsão de autoconservação, ou melhor, o que resta dela, que aparece como pulsão de morte. Ao conceber o instinto como sendo da ordem do desligamento, ele sustenta a hipótese segundo a qual o instinto precisa ser

subvertido pelo sexual, que vem do outro (pela sedução), para ser desnaturalizado e, assim, contribuir com sua energia para o vital. Mas, como esse processo de subversão libidinal é sempre incompleto, os resíduos do instinto de autoconservação se sedimentam no inconsciente amencial, como forte potencial de desorganização e de violência, ou seja, como pulsão de morte (DEJOURS, 2001/2019, p. 115 e seg.). Questionar a pertinência dessa hipótese foge aqui ao nosso intuito. Mas não podemos deixar de registrar o quanto ela diverge das hipóteses laplancheanas e da nossa própria concepção a respeito do que constitui a principal fonte disruptiva, isto é, o sexual desligado.

## Autoerotismo e pulsão de morte

Retomando nosso fio condutor, que é a relação entre o autoerotismo e a pulsão sexual de morte, ou seja, a sexualidade em sua origem, podemos então dizer que essa é a cena que se desenvolve nesse espaço do eu-corpo inicial e que vai se dividir com o processo de tradução-recalcamento. Ou seja, uma cena de sedução que, como diz Dejours, opera com certeza uma subversão libidinal, mas não apenas no sentido de ligação descrito por ele, pois essa subversão traz também o desligamento. E, em nosso entendimento, o problema não está no instinto que não foi subvertido pelo sexual, mas sim no tipo de subversão operada. Em outras palavras, a grande questão está do lado do sexual desligado, que invade esse espaço, assim como o sexual ligado, e que vai deixar aí suas marcas, algumas como feridas abertas, pois nem tudo poderá ser ligado por uma tradução. E o autoerotismo está no centro desta cena e deste palco. Esse é o passo que precisa ser dado para se poder aprofundar o entendimento dessa tópica.

Laplanche se referiu ao inconsciente encravado como sendo formado por mensagens, mensagens de diversas ordens, as quais, após serem traduzidas, deixariam de fazer parte deste espaço, o qual continua existindo, pois nem todas são passíveis deste destino. Inserir aí o autoerotismo, como estamos fazendo, muda completamente o cenário, pois se, de fato, o autoerotismo já representa uma tradução, então, quando essa tradução (que é o autoerotismo) for novamente traduzida (na segunda etapa do recalcamento, como descrito acima), ela não deixará de existir, como ocorre normalmente com as mensagens. Isso já está claro no modelo tradutivo freudiano da *Carta 52*. A (re)inscrição do sistema anterior no sistema posterior não faz o primeiro desaparecer. Como já dito acima, fomos acostumados a pensar no autoerotismo como sendo algo que ficou depositado no inconsciente recalcado. Fato que não deixa de ser verdade, pois o recalcamento carrega algo do autoerotismo para dentro do inconsciente recalcado. Algo que entrou para o processo de tradução, embora não possa ser integralmente traduzido. Mas o autoerotismo representa uma tradução e ela ocorre no espaço que vai se tornar o inconsciente encravado, pois ainda não existe tópica nesse momento inicial. Assim, com a divisão operada pela segunda etapa do recalcamento originário, o registro dessa primeira tradução, representada pelo autoerotismo, permanece nesse espaço clivado.

Isso significa que o autoerotismo possui dois registros. O primeiro deles é esse, da primeira tradução, que permanece no inconsciente encravado após a segunda etapa do recalçamento originário, que instaura a divisão tópica. O segundo decorre dessa segunda etapa do recalçamento, que vai deixar traços do autoerotismo dentro do inconsciente recalçado, traços que não puderam ser traduzidos na nova linguagem que vai dar origem ao eu-instância e que se baseia nos códigos do narcisismo. São, portanto, dois registros diferentes. No primeiro, do inconsciente encravado, a excitação está diretamente ligada ao corpo, pois, na ausência de uma tópica, a tradução é eminentemente corporal, marcada por uma linguagem bastante rudimentar, que é a das zonas erógenas já que se trata de um corpo ainda não unificado. No segundo registro, do inconsciente recalçado, que se forma a partir de traduções ancoradas no universo simbólico, a excitação vai ficar presa a um significante que, no caso do recalçamento, foi dessignificado. Com isso, podemos imaginar, opera-se uma mudança na forma dessa excitação. Ambas estão marcadas pelo regime da pulsão de morte, isto é, da compulsão. Mas enquanto a excitação autoerótica do inconsciente encravado, dada sua ancoragem nas zonas erógenas, afeta mais o corpo, a excitação do inconsciente recalçado, ancorada num significante dessignificado, tende a afetar mais o psíquico. Em nosso entendimento, esse é o principal ponto de inflexão para a compreensão das psicopatologias e também para a solução relativa às duas formas de funcionamento da pulsão de morte. Não se trata, como supõe Dejours, de uma clivagem entre o instinto e a pulsão (DEJOURS, 2001/2019, p. 118), mas sim de uma clivagem entre dois registros da pulsão sexual de morte.

## O papel do supereu na tópica da clivagem

Depois de ter mostrado que a compreensão da relação entre o autoerotismo, a pulsão de morte e o recalçamento originário depende diretamente da possibilidade de situar esses três elementos no contexto da tópica da clivagem, é preciso também mostrar que o supereu assume papel central nesse contexto. Já dissemos que o supereu se forma aí em função das interdições que os adultos colocam ao autoerotismo, pois é a sexualidade que está no centro deste processo. Assim como a interdição do Édipo, no âmbito do recalçamento secundário, está na origem do ideal do Eu (que constitui em nosso entendimento o lado mais ligado do supereu), é a interdição da sexualidade autoerótica que funciona como principal motor do recalçamento originário e da constituição do supereu encravado. E essa situação do supereu lhe confere uma posição de divisor. A partir das interdições externas, ele se constitui, para usar o termo freudiano, como resíduo da sedimentação da influência dos pais. Uma influência que vem justamente exigir uma mudança no funcionamento desregulado da sexualidade e que faz com que o supereu passe a ocupar uma posição de clivagem entre dois funcionamentos, representando assim, ao mesmo tempo, a força que impulsiona em direção de uma nova tradução, guiada pelo processo secundário, e a força que se opõe ao funcionamento autoerótico, guiado pelo processo primário. É por isso que ele se torna o eixo da clivagem entre o inconsciente encravado e o restante da tópica. E é nisso que consiste, podemos dizer, a verdadeira posição paradoxal do supereu: de

um lado, ele está na origem do processo de ligação, de outro, ele se alimenta do desligado ao qual pertence e se contrapõe. E isso faz dele um elemento-chave para a estabilidade da tópica como um todo, pois ele é responsável pela contenção desse inconsciente encravado, que compreende outros elementos além do autoerotismo. Por isso mesmo, é preciso, então, pensar o que é que garante seu funcionamento “adequado”.

Esse funcionamento adequado, que produz mais estabilidade na vida psíquica normal-neurótica, depende da capacidade do supereu de exercer essa dupla função, isto é, de poder ser, ao mesmo tempo, um motor de tradução-ligação e um agente de contenção do desligado. Falar em funcionamento significa dizer que esse trabalho não é estático, não se limita ao momento do recalçamento originário, ou seja, se mantém ao longo do processo de tradução. Além disso, implica também supor que o supereu ocupa uma função de mediação entre esses dois mundos e entre esses dois funcionamentos, podendo gerir uma comunicação entre ambos.

Mas, para poder exercer essas duas funções, duas condições são necessárias. Primeiro, o supereu precisa se constituir segundo a lógica do recalçamento, que envolve uma perda, isto é, uma disjunção. Essa perda diz respeito à origem das interdições que o compõem, ou seja, a influência dos pais. Em outras palavras, a força que impulsiona o recalçamento precisa passar por uma transformação para aparecer como “auto”. Isto é justamente o que faz com que o supereu possa se posicionar em relação ao autoerotismo (e ao encravado que vai se constituir em torno dele) de um modo mais adequado, isto é, visando o trabalho de contenção e de ligação, porque essa renúncia e essa ligação passam a ser feitas *em nome de um ganho de autonomia*.

Na linha desse ganho de autonomia, que é também do narcisismo, precisa se constituir, com o tempo, uma rede de idealizações que irão servir de apoio ao supereu em seu trabalho de tradução-contenção. Aqui se situa a segunda condição. Isso porque o supereu, em função de sua origem alteritária, e também encravada e pulsional, mesmo funcionando como agente de ligação, representa também uma ameaça para o eu. Essa ameaça precisa de uma proteção, que vem com o recalçamento secundário e com os ideais que se formam a partir do narcisismo. Ou seja, não é apenas o recalcado que precisa dessa segunda barreira protetiva, pois o supereu se encontra ainda mais vulnerável que o recalcado, já que ele, como ser de fronteira, também faz parte do encravado. A necessidade dessa proteção para o supereu foi indicada por Freud com bastante precisão em seu texto sobre o narcisismo. Nesse texto, ele afirma que a retirada da libido narcísica, que se refugia e sustenta os ideais do eu, faz com que a alteridade constitutiva dessa instância (o termo de supereu ainda não está presente) reapareça de modo regressivo, como uma intromissão hostil vinda de fora, revelando, assim, sua origem (FREUD, 1914/1989, p. 93).

Entender esse funcionamento adequado do supereu, que envolve as duas condições descritas acima, abre para a compreensão dos quadros nos quais suas funções estão comprometidas e a tópica é colocada em risco. A reflexão freudiana que acabamos de ver parece indicar que a

saúde do supereu depende diretamente da possibilidade de ele conseguir manter sua origem alteritária afastada. Mas a questão vai um pouco além. Podemos dizer que manter essa origem alteritária afastada é uma condição básica, inclusive para a vida psíquica normal-neurótica. E isso fica mais ou menos garantido na medida em que ocorre o recalçamento do autoerotismo, seguindo um processo no qual o supereu também se beneficia disso, através da perda da referência ao outro, envolvendo as interdições que o compõem. Quanto maior essa perda, mais o supereu se livra da alteridade e mais o seu trabalho pode se dar em nome da autonomia e do narcisismo. Mas tudo isso depende do quanto as interdições dos adultos são passíveis de se tornarem “auto” e também do quanto esses adultos desejam e favorecem essa mudança. Este é o ponto nodal da reflexão. Várias possibilidades podem se apresentar levando-se em conta estas duas contingências.

Aqui é preciso retomar a ideia de que as interdições dos adultos refletem sua própria história da sexualidade infantil perverso-polimorfa. Para alguns, o autoerotismo da criança traz à tona a dificuldade que se teve na lida com essa sexualidade e produz uma reação de interdição categórica e severa, que se traduz na formação de um supereu na criança que não pode perder a referência ao outro, já que esse outro precisa estar o tempo todo no comando desse combate, uma vez que sua própria sexualidade desligada continua representando uma ameaça. Nesses casos, nos quais o supereu se forma sem poder tomar distanciamento da fonte externa das interdições, sua posição de alteridade terá grande dificuldade para ser elaborada. Essa posição vai afetar a capacidade desse supereu de exercer sua função de impulsionar o processo de tradução. Ele será obrigado a fazer isso, mas não em nome de um ganho de autonomia e sim de uma obediência cega, que o situa mais como um carrasco. Com isso, sua função de contenção em relação à clivagem acaba ficando comprometida, pois ele pode representar para o eu uma ameaça semelhante ao resto do encravado. Aliás, em certas situações, ele pode inclusive se juntar ao restante dos elementos encravados para invadir e atacar o eu. E isso se reflete também no nível dos ideais, que terão que exercer uma força mais intensa no papel de proteção para o supereu, fazendo uso de valores mais categóricos e mais inflexíveis. Esse quadro é típico da rigidez de muitas estruturas de personalidade, desde as neuróticas até as psicóticas.

Essa rigidez, presente desde o início, compromete também o espaço do brincar e do lúdico, que é fundamental para o processo de simbolização e para o trabalho de ligação da pulsão. Ao invés de serem produzidas pela criança, ou com sua ajuda, as ligações tendem a seguir os modelos categóricos impostos pelos adultos. E isso, além de limitar e engessar as traduções egoicas, pode também impedir que a pulsão e o funcionamento autoerótico encontrem uma ligação adequada, com a consequência de que o corpo tenha que continuar sendo, como no autoerotismo, o principal meio de contenção e de tradução.

No outro extremo, é preciso considerar também a situação caracterizada pela excessiva falta de censura por parte dos adultos em relação ao autoerotismo da criança. Esta omissão pode

denotar uma forte indiferença desses adultos, mas também a falta de ferramentas, da parte deles, para se conseguir lidar com essa sexualidade desligada e que mobiliza resistência em relação a ela. Esse tipo de situação pode ser mais tranquila para a criança, mas não deixa de colocá-la numa posição difícil na medida em que ela não pode contar com a ajuda dos adultos para conter e ligar essa sexualidade. Da mesma forma que na situação oposta, essa falta também vai se refletir na constituição do supereu e no seu papel como motor do recalçamento e como força de contenção em relação ao desligamento. Nesse outro extremo, pode predominar uma fragilidade do supereu, prejudicando seu papel na estabilização da tópica. Além disso, do lado da pulsão, isto é, do autoerotismo, sua evolução pode ficar comprometida tanto pela falta de uma força que vem exigir uma tradução, que é ao mesmo tempo recalçadora, quanto pela escassez de códigos para realizar essa tradução. Assim, por um caminho diferente, praticamente oposto, também se produz uma fixação ao autoerotismo, mas, provavelmente, com menos influência da pulsão de morte, que encontra no supereu seu principal aliado.

Mas existe ainda a possibilidade na qual até mesmo o autoerotismo tem dificuldade para se instalar, como é pertinente imaginar nos casos de psicose. Se representa o primeiro passo na direção do processo de tradução e de recalçamento, o autoerotismo deve ser profundamente comprometido nos casos mais graves, que derivam para as psicoses. Estamos mais habituados a pensar no comprometimento do narcisismo e da constituição do eu nesses casos. Entretanto, a reflexão aqui desenvolvida mostra que o autoerotismo tem papel importante nesse processo na medida em que funciona como pivô tanto da tradução quanto do recalçamento. Logo, a sua impossibilidade de constituição compromete todo o processo. Ora, existe um tipo de relação, marcada pelas injunções paradoxais, que é capaz de bloquear a instauração do autoerotismo na medida em que sequestra seu principal componente, que é a fantasia. O paradoxal, como já vimos em outra ocasião, é o avesso do enigmático (TARELHO, 2020, p. 73). Em outras palavras, o funcionamento paradoxal deriva da necessidade de se fazer desaparecer a sexualidade, principalmente na sua forma originária, que é o enigmático. E sua técnica é enredar a sexualidade num tipo de ligação que, ao invés de ser pontual e provisória, fecha-a numa trama cerrada e indissolúvel, que faz com que ela só possa *ser não sendo*. Desse modo, o enigma é transformado em certeza absoluta, ou seja, o desligado assume a forma de uma ligação que se apresenta como plena e insubstituível. É assim que o erógeno precisa ser reduzido ao somático, nu e cru, como puro processo fisiológico, isto é, sem relação com a fantasia. Nesse contexto, criado pelo adulto que não pode reconhecer nele próprio o erógeno, a sedução ocorre produzindo excitação no eu-corpo da criança, mas já vem acompanhada com a imposição de um código imutável, que reduz o sexual ao somático e ao vital e que não admite tradução. O resultado é que a criança não poderá realizar o trabalho de substituição significativa que, no caso, como vimos, implica perder a referência ao outro, ao emissor da mensagem. Com isso, a excitação produzida no eu-corpo não pode ser transformada em autoerotismo. O erótico fica inscrito no corpo, mas num corpo que fica preso nas malhas tecidas pelo outro, sem muita possibilidade de se tornar “auto”. De forma que não é apenas o autoerotismo que fica comprometido, mas também o processo tradutivo

e recalcante que ele inaugura. Se há algo específico da psicose, esse algo é justamente essa prisão do erótico a essa malha significativa, tecida pelo outro, envolvendo o eu-corpo da criança.

Entre as várias questões que se abrem aqui, talvez a principal seja saber qual estatuto conferir a esse erótico. Se a constituição da pulsão depende do processo tradutivo, no qual ela se insere de modo negativo, isto é, pela não tradução, como conceber, então, isso que fica totalmente fora? Nossa tendência é pensar que o decisivo nesse processo não é a tradução em si, mas sim a não-tradução. De modo que, o sexual do outro, implantado ou intrometido no eu-corpo da criança, já funciona como sexual, no sentido da excitação, antes do processo tradutivo. Acreditamos que o recalçamento serve para fixar essa excitação, tanto na fase do autoerotismo, onde o corpo assume praticamente sozinho essa função, quanto na fase do narcisismo, onde já aparece uma divisão tópica. Logo, no caso onde a excitação produzida pela sexualidade do outro no eu-corpo da criança não pode se organizar através de uma fixação, essa excitação fica impossibilitada de contorno e contenção. Nesse sentido, ela deve constituir a forma mais acentuada da pulsão de morte e da alteridade na tópica psíquica.

Outra questão não menos importante é saber a situação desta fonte de excitação dentro do inconsciente encravado. Pela natureza paradoxal das injunções que caracterizam essa excitação, o mais provável é que elas se acomodem do lado do supereu, que também é constituído por um tipo de ligação fechada, rebelde a todo tipo de substituição significativa. E isso, evidentemente, representa grande risco para a estabilidade da tópica, pois potencializa enormemente o grau de alteridade do supereu, enfraquecendo sua função de contenção e exigindo, do lado dos ideais, uma compensação grandiosa, que precisa sempre flertar com o superlativo e com o categórico. Aqui é preciso relembrar a passagem de Freud de seu texto sobre o narcisismo, já citada acima, na qual ele diz, a propósito da psicose, que é justamente a alteridade do supereu que ressurge, como uma intromissão hostil vinda de fora, quando ele perde a proteção do investimento narcísico (FREUD, 1914/1989, p. 93).

Para podermos concluir essa reflexão, vale a pena também lembrar que essa proteção narcísica dos ideais, embora seja mais fácil de ser identificada nos quadros mais graves, está presente em toda estrutura e exerce, segundo nossa hipótese, papel central na manutenção da clivagem vertical e do inconsciente encravado. Isso nos permite terminar fazendo uma alusão à questão do conflito. É verdade que a clivagem vertical, formada pela conjunção do supereu e do ideal do eu, funciona como uma espécie de recusa e, por isso, acaba evitando que os conteúdos do inconsciente encravado tomem partido no conflito psíquico. Esses conteúdos não podem acessar o pré-consciente da mesma forma que os conteúdos do inconsciente recalçado. Eles estão protegidos por esse arranjo que há entre o supereu e o ideal do eu<sup>2</sup>. É preciso que esse

---

2 Acreditamos que esse arranjo entre o supereu e o ideal do eu envolva também a consciência, que protege o inconsciente encravado do lado da realidade externa. De forma que a falha nesse arranjo acaba prejudicando também a função protetora da consciência. Mas essa relação precisa ser mais bem entendida.

arranjo falhe para que tais conteúdos invadam o eu. Essa invasão, nos casos menos graves, pode até assumir a forma do conflito neurótico, mas, em geral, assume uma forma mais severa, produzindo estragos consideráveis. Na verdade, tudo depende do tipo de arranjo estabelecido, que funciona como uma espécie de armistício. Enquanto o supereu, juntamente com o universo encravado que ele representa, gozar de um *status* de cidadania, conquistada por essa relação amistosa com os ideais e por sua função de contenção, a tópica não corre risco. Mas esse *status* pode muito bem se corroer e até mesmo ser perdido e o supereu se tornar um verdadeiro estrangeiro, como ocorre na psicose. Seja como for, essa compreensão permite conferir ainda mais plausibilidade a uma outra afirmação de Freud envolvendo o supereu, no texto “Neurose e psicose”, segundo a qual sua influência pode ser encontrada em todas as manifestações psicopatológicas (FREUD, 1924/1989, p. 157-158).

## Referências

BLEICHMAR, S. *La fundación de lo inconciente*. Destinos de pulsión, destinos del sujeto. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993.

CARDOSO, M. R. *Superego*. São Paulo: Escuta, 2002.

DEJOURS, C. (2001). *Primeiro, o corpo*. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

FREUD, S. (1896). “Carta 52”, in *Obras Completas Sigmund Freud*, Vol. I, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1988.

\_\_\_\_\_. (1914). “Introducción del narcisismo”, in *Obras Completas Sigmund Freud*, Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1989.

\_\_\_\_\_. (1924). “Neurosis y psicosis”, in *Obras Completas Sigmund Freud*, Vol. XIX, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1989.

\_\_\_\_\_. (1932). “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”, in *Obras Completas Sigmund Freud*, Vol. XXII, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1989.

LAPLANCHE, J. (1980). *Problemáticas III – A sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. “La pulsion et son objet-source, son destin dans le transfert”, in \_\_\_\_\_ *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Paris : Flammarion, 1992.

\_\_\_\_\_. (1993). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. “Réponses aux questions de J. C. Calich”, *Psychiatrie française*, Paris, XXXVII, n. 3, 2006, p. 34-44.

\_\_\_\_\_. (2007). “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada”, in: \_\_\_\_\_. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense, 2015, p. 190-206.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TARELHO, L. C. “A tópica da clivagem e o supereu”, *Percurso*, São Paulo, jun./dez.2016, n. 56-57, p. 133-142.

\_\_\_\_\_. “O enigmático e seu avesso, o paradoxal”, in: LAPLANCHE, J. [et al.] *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios*. São Paulo: Zagodoni, 2020, p. 73-84.